

SALMOS FAVORITOS

John Stott

SALMOS FAVORITOS

Inspiração e sabedoria nos Salmos

Traduzido por
VALÉRIA LAMIM DELGADO FERNANDES



VIÇOSA|MG

SALMOS FAVORITOS

Categoria: Espiritualidade / Estudo bíblico / Vida cristã

Copyright © 1988, 2003, John R. W. Stott

Copyright © 2020, John Stott's Literary Executors

Publicado originalmente em inglês por Hodder & Stoughton, Londres, Reino Unido.

Publicado em 2003 em inglês por Monarch Books, Londres, Reino Unido.

Primeira edição: Fevereiro de 2020

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão: Patrícia Nunan

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Rafael Brum

Os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Legenda:

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ARC – Almeida Revista e Corrigida

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S888 Stott, John.

Salmos favoritos : inspiração e sabedoria nos Salmos / John Stott ; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. — Viçosa : Ultimato, 2020.

176 p. ; 21 cm.

Tradução de: *Favourite psalms: growing closer to God.*

ISBN 978-85-7779-199-6

1. Bíblia. A.T. Salmos. 2. Devocional. 3. Bíblia - Estudo e ensino. I. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. II. Título.

CDD 223.2

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORIA ULTIMATO LTDA

Rua A, nº 4 - Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Prefácio	7	
Salmo 1	O caminho dos justos e o caminho dos ímpios	9
Salmo 8	O que é o ser humano?	13
Salmo 15	Uma vida incorruptível	17
Salmo 16	Fé presente e esperança futura	21
Salmo 19	A autorrevelação de Deus	25
Salmo 22	Os sofrimentos e a glória de Cristo	30
Salmo 23	O Senhor é o meu pastor	35
Salmo 24	Subindo o monte do Senhor	38
Salmo 27	As mudanças de humor da alma	41
Salmo 29	A voz do Senhor	46
Salmo 32	O perdão e a direção de Deus	49
Salmo 34	Gloriando-se em Deus	53
Salmo 40	Fora de um terrível poço	57
Salmos 42–43	As causas e a cura da depressão espiritual	61
Salmo 46	Emanuel, o Deus Conosco	67
Salmo 51	A misericórdia divina para os arrependidos	71
Salmo 67	Salvação para as nações	76
Salmo 73	A prosperidade dos ímpios	80
Salmo 84	Os átrios do Senhor	85
Salmo 90	O sonho efêmero da vida	90
Salmo 91	A proteção do Altíssimo	94
Salmo 95	Um convite a cantar e ouvir	98
Salmo 98	O Senhor, o Rei-Salvador	102

Salmo 100	O Senhor é Deus e bom	106
Salmo 103	Os benefícios da graça de Deus	111
Salmo 104	As obras de Deus na natureza	116
Salmo 121	O Senhor, nosso protetor	123
Salmo 122	A paz de Jerusalém	125
Salmo 123	Os olhos levantados da fé	127
Salmo 125	Os montes que cercam o monte Sião	129
Salmo 127	A vaidade do trabalho que não é abençoado	131
Salmo 130	Das profundezas	133
Salmo 131	Humildade como a de uma criança	135
Salmo 133	Irmãos convivendo em união	137
Salmo 139	Os olhos de Deus que veem tudo	139
Salmo 145	Em louvor do reino de Deus	144
Salmo 150	A doxologia final	148
Lucas 1.68–79	O <i>Benedictus</i>	151
Lucas 1.46–55	O <i>Magnificat</i>	159
Lucas 2.29–32	O <i>Nunc dimittis</i>	167
	Notas	173

PREFÁCIO

SERIA impossível fazer os cristãos pararem de cantar. Um dos sinais claros da plenitude do Espírito Santo é “[cantar] e [louvar] de coração ao Senhor” (Ef 5.19b). Especialmente quando nos reunimos para adorar, nossos louvores seriam inconcebíveis sem cânticos. Assim, dizemos uns aos outros: “Venham! Cantemos ao SENHOR com alegria! Aclamemos a Rocha da nossa salvação” (Sl 95.1).

A cada geração, novos hinos são escritos e publicados. Contudo, o hinário mais antigo da Igreja, o Saltério ou o Livro dos Salmos, nunca perdeu seu encanto.

O próprio Jesus amava os salmos. Ele muitas vezes os citou. Também aplicou alguns deles à sua própria vida. Jesus era *filho* e *Senhor* de Davi (Sl 110.1), disse ele (cf. Mt 22.41-43), e a pedra rejeitada que se tornou a *pedra angular* do Construtor (Sl 118.22). Jesus também se viu como alguém que experimentou os terríveis

sofrimentos da vítima inocente que é retratada, por exemplo, nos Salmos 22; 31; 41 e 59.

A razão por que o povo cristão é atraído para os Salmos é que eles falam a linguagem universal da alma humana.

Rowland E. Prothero, em *The Psalms in Human Life* [Os Salmos na vida humana], de 1904, escreveu: “O Livro dos Salmos contém toda a música do coração humano”. Seja qual for nossa disposição espiritual – triunfo ou derrota, empolgação ou depressão, alegria ou tristeza, louvor ou penitência, admiração ou raiva – certamente haverá um salmo que a reflete. Os salmos declararam sobretudo a grandeza do Deus vivo como Criador, Sustentador, Rei, Legislador, Salvador, Pai, Pastor e Juiz. À medida que passamos a conhecê-lo melhor por meio do Saltério, caímos de joelhos e o adoramos.

Em 1966, publiquei *The Canticles and Selected Psalms* [Os cânticos e salmos selecionados], na série de *Comentários sobre os Livros de Oração*, da Hodder & Stoughton. Faz muito tempo que esse livro está fora de catálogo. Sou, portanto, grato a Tim Dowley por propor uma atualização e reedição de algumas das exposições nesta edição.

JOHN STOTT

2003

SALMO 1

O CAMINHO DOS JUSTOS E O CAMINHO DOS ÍMPIOS

JERÔNIMO citou a opinião de alguns de que este primeiro salmo é “o prefácio do Espírito Santo” para o Saltério. Por certo, é uma introdução muito apropriada. Nela são encontrados dois temas particulares que se repetem em muitos outros salmos.

O primeiro tema é a nítida distinção entre *os justos* e *os ímpios*. Na Bíblia como um todo, e especialmente na Literatura de Sabedoria, a humanidade é dividida nessas duas categorias absolutas, e não é reconhecida uma terceira. Nos Salmos 32, 36 e 112, também são comparados e contrastados os justos e os ímpios.

O segundo tema diz respeito à sorte presente e ao destino final dos seres humanos. A primeira e a última palavra do Salmo 1 indicam as alternativas. *Feliz* é a pessoa justa, que se deleita na lei de Deus; o ímpio, por outro lado, *perecerá*. Já é possível discernir nesta vida esse processo de *bênção* e de *maldição*, como o chamou Jeremias quando, talvez, escreveu esse salmo (veja Jr 17.5-8).

Ao lidar com esses dois temas, o autor do Salmo 1 estava apenas antecipando o que o próprio Jesus ensinaria: que homens e mulheres estão no caminho amplo que leva à perdição ou no caminho apertado que leva à vida (Mt 7.13-14).

¹ Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores!

² Ao contrário, sua satisfação está na lei do Senhor, e nessa lei medita dia e noite.

³ É como árvore plantada à beira de águas correntes:
Dá fruto no tempo certo e

suas folhas não murcham.

Tudo o que ele faz prospera!

⁴ Não é o caso dos ímpios!

São como palha que o vento leva.⁵ Por isso os ímpios não resistirão no julgamento, nem os pecadores na comunidade dos justos.⁶ Pois o Senhor aprova o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios leva à destruição!

OS JUSTOS PROSPERARÃO (v. 1-4)

O justo é descrito primeiro por meio de negativas e depois de afirmativas. Ele *não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores.*

Essas frases foram cuidadosamente elaboradas em uma tríade de paralelos: “segue, imita, se assenta”; “conselho, conduta, roda”; e “ímpios, pecadores, zombadores”. Além disso, uma graduação decrescente [de ideias] está implícita. Os piedosos não moldam sua conduta de acordo com os conselhos de pessoas más. Tampouco ficam na companhia dos que persistem no mal; menos ainda permanecem entre os céticos que zombam abertamente de Deus. Em vez de aceitarem a liderança de tais pessoas, os piedosos fazem da *lei do Senhor* sua regra de vida (v. 2).

Esta *lei* (a *Torá*) refere-se não apenas aos Dez Mandamentos e a todas as regras e regulamentos da lei de Moisés, mas à toda a revelação de Deus nela, usada como um manual de vida; revelação que, embora dada por intermédio de Moisés e dos profetas, ainda

é a *lei do Senhor* – uma expressão que praticamente equivale à “Palavra de Deus”.

A lei do Senhor é a *satisfação* do justo. Essa é uma indicação do novo nascimento, pois “a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à lei de Deus, nem pode fazê-lo” (Rm 8.7). No entanto, como resultado da obra de regeneração que o Espírito Santo faz no íntimo dos piedosos, estes descobrem que amam a lei de Deus simplesmente porque ela lhes transmite a vontade de seu Deus. Eles não se rebelam contra as exigências árduas da lei; antes, todo o seu ser a aprovam e a endossam (veja Sl 19; 40.8; 112.1; 119). Satisfazendo-se na lei, os piedosos *meditarão* nela ou se debruçarão sobre ela sempre, *dia e noite*.

Acredita-se que esse era o texto favorito de Jerônimo, autor da antiga versão em latim da Bíblia [a Vulgata]. Ele certamente o exemplificou em sua vida ao dedicar-se, de maneira incansável, ao estudo das Escrituras – primeiro, no deserto, e depois, por quase 35 anos, em sua gruta perto da cena tradicional da Natividade, em Belém.

De fato, todos os cristãos sabem algo sobre essa experiência do salmista. Para eles, a meditação diária na Bíblia é uma satisfação interminável.

Essa é, então, a característica dos justos. Para obterem direcionamento, em se tratando da conduta diária, eles não buscam a opinião pública, os modelos não confiáveis do mundo sem Deus, mas a Palavra revelada de Deus, na qual se satisfazem e meditam. Como consequência, eles são *como árvore plantada à beira de águas correntes* (Sl 1.3).

Essa metáfora é comum na Bíblia. Seja qual for a espécie de árvore em mente aqui, ela claramente desfruta o segredo da saúde e do vigor perenes, com frutos amadurecendo na estação certa e as folhas verdes, mesmo sob o calor do sol, pois, assim como a árvore tira alimento constante da água [e da terra], por meio das suas raízes, os justos, por meio da sua meditação diária na lei do Senhor, refrigeram e reabastecem sua alma em Deus.

Tal árvore está firmemente *plantada*; e essas pessoas, como Josué, prosperam naquilo que fazem.

OS ÍMPIOS PERECERÃO (v. 5-6)

Prosperar *não é o caso dos ímpios!* Sua condição atual e seu destino futuro são bem diferentes. Em vez de serem como uma árvore frutífera, eles são como *palha* seca e inútil. Em vez de estarem plantados à *beira de águas correntes* (Sl 1.3), são levados pelo vento.

Mais uma vez, a metáfora era familiar nas terras e nos tempos bíblicos (compare ao Sl 35.5; Is 17.13; Mt 3.12). A eira, bem exposta ao vento, em geral era uma superfície dura e plana, situada em uma colina [ou platô]. Grandes joeiras ou pás levantavam o trigo e jogavam-no para o alto, de modo que os preciosos grãos caíssem e fossem colhidos, enquanto a casca leve do joio era espalhada aos quatro ventos.

Os ímpios são como *palha* em dois sentidos. Eles são dessecados e inúteis em si mesmos e são facilmente levados pelo julgamento de Deus. A ideia básica subentendida na palavra hebraica usada para se referir aos ímpios parece ser de *agitação* (compare a Is 57.20-21). A árvore está firmemente plantada, mas o joio é instável. Quando Deus começar a peneirá-los em sua ação de julgamento e, sobretudo, quando chegar o dia do julgamento final, eles não resistirão. Nem mesmo agora eles podem resistir na *comunidade dos justos*, pois não pertencem aos piedosos que restam do povo de Deus.

O texto no versículo 6 [do Sl 1] é uma conclusão geral de todo o salmo, fazendo distinção entre o *caminho dos justos* e o *caminho dos ímpios*. É-nos dito que o Senhor *aprova o caminho dos justos*; enquanto o *caminho dos ímpios leva à destruição*.

SALMO 8

O QUE É O SER HUMANO?

“ESTE poema lírico breve e primoroso”, como foi descrito por C. S. Lewis,¹ começa e termina com o refrão: *Senhor, Senhor nosso, como é majestoso o teu nome em toda a terra* (v. 1,9). Aqui está um reconhecimento da majestade do nome ou da natureza de Deus, que suas obras, tanto na terra como no céu, revelam. Os inimigos de Deus, que estão cegos por causa de sua orgulhosa rebeldia, não veem a glória de Deus; antes, são confundidos por *crianças e recém-nascidos* (v. 2).

Jesus citou essas palavras quando as crianças o aclamaram no templo com “hosanas”, enquanto os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei se opunham com indignação (Mt 21.15-16). Deus ainda é glorificado na fé simples das crianças e na humildade, típica de uma criança, dos que creem nele (veja Mt 11.25-26; 1Co 1.26-29).

¹ Senhor, Senhor nosso, como é majestoso o teu nome em toda a terra! Tu, cuja glória é cantada nos céus.

² Dos lábios das crianças e dos recém-nascidos firmaste o teu nome como fortaleza, por causa dos teus adversários, para silenciar o inimigo que busca vingança.

³ Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que ali firmaste, ⁴ pergunto: Que é o homem, para que com ele te importes? E o filho do

homem, para que com ele te preocipes? ⁵ Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o coroaste de glória e de honra. ⁶ Tu o fizeste dominar sobre as obras das tuas mãos; sob os seus pés tudo puseste: ⁷ todos os rebanhos e manadas, e até os animais selvagens, ⁸ as aves do céu, os peixes do mar e tudo o que percorre as veredas dos mares.

⁹ Senhor, Senhor nosso, como é majestoso o teu nome em toda a terra!

O que particularmente evoca a admirável adoração do salmista é a condescendência de Deus para com os seres humanos (v. 3-4) e a posição de domínio que ele lhes concedeu sobre a terra (v. 5-8).

Vistas em relação uma à outra, essas duas verdades nos permitem ter um julgamento equilibrado da humanidade e dar uma resposta apropriada à pergunta retórica do salmista: *Que é o homem...?* (v. 4), isto é, o que significa ser um ser humano?

A PEQUENEZ DOS SERES HUMANOS (v. 3-4)

A pergunta [do salmista] foi motivada pela sua contemplação do céu noturno. Se Davi for o autor desse salmo, é possível que restem poucas dúvidas de que ele se referia à experiência de sua juventude. Em seus dias como pastor, cuidando dos rebanhos do pai nas colinas perto de Belém, Davi muitas vezes dormia sob as estrelas. Deitado sobre as costas, ele examinava a imensidão insondável acima dele, procurando penetrar as profundezas claras do céu oriental. Ele reconhecia que os céus, com a lua e as estrelas, eram obra dos dedos de Deus (v. 3); assim, ao contemplar

a grandeza e o mistério deles, o salmista clama: *Que é o homem, para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocipes?* (v. 4).

Se essa foi a reação de Davi, há quase três mil anos, quanto mais deveria ser a nossa, que vivemos nos dias da astrofísica e da conquista do espaço!

À medida que consideramos os planetas em órbita de nosso sistema solar, tão infinitesimalmente pequenos em comparação com inúmeras galáxias a milhões de anos-luz de distância [de nós, na terra], pode parecer-nos incrível que o grande Deus do universo tome qualquer conhecimento de nossa existência, ainda mais *se preocupar conosco*. No entanto, ele se preocupa; e Jesus nos assegurou que até mesmo os fios de cabelo de nossa cabeça estão todos contados (Lc 12.7).

A GRANDIOSIDADE DOS SERES HUMANOS (v. 5-8)

O salmista passa da pequenez de um ser humano, em comparação com a vastidão do universo, para a grandiosidade que Deus deu ao homem sobre a terra: *Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste dominar sobre as obras das tuas mãos* (v. 5-6).

A posição que temos de ser apenas um pouco inferiores aos *seres celestiais*, ou mesmo ao próprio Deus, é supremamente vista em nosso domínio. Deus revestiu os seres humanos de soberania real, coroando-nos *de glória e de honra* (v. 5), e delegando-nos o controle de suas obras. O texto até afirma que, *sob os seus pés* (os do homem), Deus pôs tudo (v. 6).

O salmista está se referindo sobretudo à criação animal – animais domesticados e selvagens, *as aves do céu, os peixes do mar* e a todas as outras criaturas que habitam as profundezas do oceano (v. 7-8). Não se trata de ficção poética. À medida que o universo revela cada vez mais os seus segredos à pesquisa científica, nosso domínio aumenta. Contudo, mesmo agora o homem não é de fato

Senhor da criação, com *tudo* sob seus pés, como é reconhecido em três citações desses versículos no Novo Testamento.

De acordo com Hebreus 2.8 (e os versículos que seguem), “...agora, porém, ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas”. No entanto, o texto imediatamente acrescenta: “Vemos, todavia, aquele que por um pouco foi feito menor do que os anjos, Jesus, coroado de honra e de glória...” (v. 9).

A humanidade pecou e caiu, e, como consequência, perdeu parte do domínio que Deus lhe tinha dado; mas, em Jesus, *o último Adão* (1Co 15.45), esse domínio foi restaurado. É nele, e não em nós, que o domínio da humanidade se revela. Por meio de sua morte, Jesus derrotou até o diabo e libertou os escravizados pelo diabo (Hb 2.14-15). Jesus foi, então, *coroado* e exaltado à destra de Deus (v. 9).

Embora a descrição neste salmo acerca do domínio da humanidade se aplique mais ao homem Cristo Jesus do que a nós, ela se aplica a nós também se viermos, pela fé, a compartilhar a exaltação de Cristo.

O apóstolo Paulo escreveu que a incomparável grandeza do poder de Deus, que exaltou Jesus e “colocou todas as coisas debaixo de seus pés”, está disponível para nós, os que cremos (Ef 1.19-22). De fato, nós a experimentamos, pois ela nos ressuscitou da morte do pecado, exaltou-nos com Cristo e fez-nos assentar com ele nos lugares celestiais, onde somos participantes de sua vitória e de seu domínio (Ef 2.5-6).

Ainda assim, este não é o fim. Embora Cristo tenha sido exaltado muito acima de todo domínio e autoridade, e todas as coisas estejam debaixo de seus pés, nem todos os seus inimigos ainda admitiram que estão derrotados e renderam-se a ele. Somente quando Jesus aparecer em glória, e os mortos ressuscitarem, é que ele destruirá “todo domínio, autoridade e poder. Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque ele ‘tudo sujeitou debaixo de seus pés’” (1Co 15.24-26).

SALMO 15

UMA VIDA INCORRUPTÍVEL

O SALMO 15 diz respeito às condições nas quais um homem ou uma mulher podem morar com Deus. Ele é especialmente digno de nota porque une religião e moralidade em uma relação indissolúvel. Começa com uma pergunta, continua com uma resposta para a pergunta apresentada e termina com uma grande afirmação que vai além dos termos da pergunta original.

A PERGUNTA (v. 1)

SENHOR, quem habitará no teu santuário?

Quem poderá morar no teu santo monte? (v. 1)

O santo monte de Deus era, sem dúvida, Jerusalém, e o seu santuário, provavelmente a tenda que abrigava a arca antes de Salomão construir o templo.

De fato, em geral acredita-se que este salmo, assim como o Salmo 24, refere-se à ocasião descrita em 2Samuel 6.12-19 e em

1Crônicas 15–16, em que Davi trouxe a arca da casa de Obed-Edom para o monte Sião, “a cidade de Davi”, e colocou-a na tenda que havia feito para ela. Neste caso, o Salmo 15 descreve o desafio moral que a presença de Deus no meio deles trouxe para os habitantes de Jerusalém.

¹ Senhor, quem habitará no teu santuário? Quem poderá morar no teu santo monte? ² Aquele que é íntegro em sua conduta e pratica o que é justo, que de coração fala a verdade ³ e não usa a língua para difamar, que nenhum mal faz ao seu semelhante e não lança calúnia contra o

seu próximo, ⁴ que rejeita quem merece desprezo, mas honra os que temem o Senhor, que mantém a sua palavra, mesmo quando sai prejudicado, ⁵ que não empresta o seu dinheiro visando lucro nem aceita suborno contra o inocente. Quem assim procede nunca será abalado!

Este salmo, porém, possui uma aplicação mais ampla do que essa. Nele, são examinados os termos nos quais o ser humano pode habitar na presença de Deus, nesta vida ou na que há de vir.

O salmista está certo de que o Senhor é um Deus santo e que os pecadores se separam de Deus por causa dos pecados. “Tu não és um Deus que tenha prazer na injustiça; contigo o mal não pode habitar” (Sl 5.4). Quem, então, pode habitar com Deus?

A RESPOSTA (v. 2-6)

O salmista agora responde à sua própria pergunta [no v. 1] e descreve o tipo de pessoa que pode aproximar-se de Deus. Ele o descreve com uma imagem atraente. De fato, ninguém cumpriu perfeitamente esse ideal, exceto o homem Cristo Jesus. Somente ele entrou na presença de Deus no céu, em virtude de seu próprio mérito; para nós, o acesso a Deus só é possível por intermédio de Cristo.

Mas, uma vez que nos aproximamos de Deus por intermédio de Cristo, só podemos continuar a ter comunhão com ele se, por sua graça, levarmos o tipo de vida santa descrita neste salmo. É uma santidade social. Ou seja, diz respeito inteiramente ao nosso dever para com o próximo, uma vez que não podemos ter um relacionamento correto com Deus sem ter um relacionamento correto com outros seres humanos. Não podemos esperar habitar na presença de Deus se não estivermos buscando o bem do nosso próximo.

Por isso, aquele que pode desfrutar da companhia de Deus é descrito como *íntegro* (v. 2). Trata-se de alguém com uma integridade de caráter tão completa que é capaz de fazer o que é justo e falar o que é verdadeiro. Além disso, a verdade que ele fala é *de coração*, pois ele sempre quer dizer o que diz. Ele é, portanto, consistente em se tratando de pensamentos, palavras e ações.

Essa afirmação genérica e positiva é agora ilustrada por exemplos particulares e, em grande parte, na negativa. De fato, tendo como pano de fundo essas negativas é que a excelência positiva das pessoas boas se destaca em flagrante alívio.

Primeiro, as pessoas boas não prejudicam o próximo por meio de nada que digam ou façam (v. 2-3). Não o difamam, não lhe fazem mal, não lançam calúnias contra ele. Essa última expressão provavelmente significa que elas não passam para frente boatos sobre o próximo e que não se aproveitam injustamente dele quando este é acometido pela adversidade.

Segundo, as pessoas boas sabem discernir quando avaliam outros (v. 4a). Elas não têm medo de expressar que desaprovam homens desprezíveis.

Terceiro, as pessoas boas são fiéis às suas promessas, ainda que, para isso, tenham algum inconveniente ou desvantagem. Elas mantêm a sua palavra (v. 4b).

Quarto, pessoas boas nunca exploram o pobre nem oprimem o inocente (v. 5). Mais precisamente, elas não emprestam dinheiro cobrando juros nem aceitam subornos. Somos apresentados

aqui a figuras conhecidas no Antigo Testamento: o prestamista dado à extorsão e o magistrado injusto que perverte a justiça por suborno. Ambas as práticas foram proibidas pela lei (Êx 22.25; 23.6-8; Lv 25.35-38; Dt 16.19; 27.25) e denunciadas pelos profetas (veja, por exemplo, Ez 22.12)

A AFIRMAÇÃO (v. 5)

O salmista pergunta quem deve habitar na presença de Deus e responde a sua própria pergunta ao descrever uma pessoa que ama o próximo. Mas ele não para por aí. Tais pessoas, conclui ele, não apenas habitarão no santuário de Deus, mas também nunca serão abaladas. Pelo contrário, permanecerão firmes e seguras durante todas as vicissitudes desta vida e no dia do julgamento (v. 5b).